



## A MEMÓRIA EM “MENINO SEM PASSADO”: UMA LEITURA “OUTRA” EM SILVIANO SANTIAGO

Lara Nycole Ojeda de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo trata acerca do conceito de *des-memória* com o artifício da *crítica biográfica fronteiriça* (Nolasco, 2015). Nesse intento, propomos uma forma *outra*, pela máxima de “aprender a des-aprender para re-aprender” sinalizado por Walter Mignolo, para compreender a conceitualização de memória fundada por Jacques Derrida em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (2001), por meio do subsídio exposto no texto de Adriana Amaral *Em torno de Jacques Derrida: sobre memória em Jacques Derrida* (2000). Dessa forma, com o intermédio da perspectiva descolonial ao ler o romance *Menino sem passado: 1938-1946* (2021) do mineiro Silviano Santiago, objetivamos ir além da concepção derridiana. Assim, os conceitos de crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015), opção descolonial (Mignolo, 2008) e memórias subalternas latinas (Nolasco, 2013) servirão como alicerce para sustentar e dar luz à teorização proposta, bem como outros autores e conceituações. Portanto, ao partir do livro memorialístico citado e, juntamente aos conceitos apresentados acima, estabeleceremos uma perspectiva para o que iremos considerar como uma *des-memória*.

**Palavras-chave:** Crítica biográfica fronteiriça; Silviano Santiago; Memória; Histórica local.

### MEMORY IN “MENINO SEM PASSADO”: “OTHER” READING IN SILVIANO SANTIAGO

**Abstract:** This article explores the concept of *de-memory* through the artifice of frontier biographical criticism (Nolasco, 2015). In this attempt, we propose another way, through the maxim of "learning to unlearn in order to relearn" signaled by Walter Mignolo in 2008, to understand the conceptualization of memory founded by Jacques Derrida in *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (2001), through the subsidy exposed in Adriana Amaral's text *Around Jacques Derrida: on memory in Jacques Derrida* (2000). In this way, through the intermediary of the decolonial perspective when reading the novel *Menino sem passado: 1936-1948* (2021) by Silviano Santiago, from Minas Gerais, we aimed to go beyond the Derridean conception. Thus, the concepts of border biographical criticism (Nolasco, 2015), decolonial option (Mignolo, 2008) and Latin subaltern memories (Nolasco, 2013) will serve as a foundation to support and give light to the proposed theorization, as well as other authors and conceptualizations. Therefore, based on the aforementioned memorial book and, together with the concepts presented above, we will establish a perspective for what we will consider to be a *de-memory*.

**Keywords:** Border biographical criticism. Silviano Santiago. Memory. Local history.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras - Português/Inglês – UFMS. Integrante do grupo Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC - FAALC/UFMS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5863521306131138> | Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5216-9157>

Carrego às costas uma tralha de pessoas, de objetos e de acontecimentos históricos que, na verdade, me embaraçam o crescimento e estão sempre a assustar o dia de amanhã, reinventando-o.

(Santiago, 2021, p. 51)

A diferença colonial do homem que vive na fronteira é que ele sente a fronteira no próprio corpo. De modo que ela está incrustada em seu corpo, em sua língua, em seu pensamento, em seu modo de produzir conhecimento. É a soma de tudo isso que vai resultar em uma epistemologia específica dos lugares subalternos.

(Nolasco, 2015, p. 67)

Seguido pelas epígrafes, por meio da óptica dos estudos descoloniais, podemos notar uma imposição do pensamento colonial, centrado no eurocentrismo, que traz como consequência a homogeneidade instaurada pelos grandes centros do pensamento no que tange a memória. Isso se dá devido ao processo de dominação colonial diante os países considerados periféricos, como por exemplo a América Latina, sobretudo a região de fronteira sul-mato-grossense, assim, os ditos como “Primeiro Mundo” em localidades da Europa, optaram por nos largar à inexistência e à margem do pensamento e da produção intelectual, ou seja, de forma geoistórica. Em vista de contrapor tal concepção, como ocorre ao longo deste artigo, iremos optar por uma teorização que passa a considerar as sensibilidades dos sujeitos à borda, ou seja, daqueles situados como periféricos por sua condição geográfica e intelectual em regiões fronteiriças. Assim, com a finalidade de *aprender a desaprender para re-aprender* (Mignolo, 2008) que frisamos ao decorrer desta explanação, iremos perseguir as memórias do intelectual Silviano Santiago<sup>2</sup> ao partir do romance *Menino sem passado: 1936-1948*, a fim de realizar uma leitura *outra*, a ser desenvolvida na presente reflexão, em busca de ir além nessa perspectiva para desembocar no conceito de uma *des-memória*.

Dessa forma, o presente artigo aborda as explanações dos seguintes textos: Opção descolonial (Mignolo, 2008), paradigma outro (Mignolo, 2003), memórias subalternas latinas (Nolasco, 2015) que estarão centradas pela premissa da crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015), como também outros que irão subsidiar a discussão proposta. Para isso, iniciaremos por compreender o que se trata a memória, uma vez fundada pelo filósofo Jacques Derrida em *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana* (2001), por meio do texto Sobre memória em Jacques Derrida escrito por Adriana Amaral no ano 2000 que nos servirá como aporte teórico ao realizar uma nova

<sup>2</sup> Ensaísta, poeta, professor, contista e romancista. Considerado um dos maiores escritores brasileiros da atualidade.

leitura acerca do conceito citado e elaborado na narrativa de *Menino sem passado: 1936-1948*.

Nessa perspectiva, como apresentado no ensaio de Adriana Amaral, temos que a memória para Jacques Derrida tem relação com o tempo, sendo ambos faces de uma mesma moeda, esse fator nos guia para entender que esse conceito está voltado para uma projeção voltada para o futuro, do “[...] *avenir* da promessa, do que chega amanhã [...]” (Amaral, 2000, p. 34). Nesse ínterim, pela assertiva derridiana, a concepção de memória está atrelada a uma condição da qual ainda existirá, da qual se fará posteriormente, como ilustração trago o romance em que Silviano discorre:

Habito o espaço entreaberto pelos olhos, habitado pelo que é visto ou lido. Da brecha entreaberta contemplo e absorvo a mescla de tempos históricos que me chegam de supetão e que, depois de deixar o lastro na saudade aprisionada na memória, se vão no dia seguinte. (Santiago, 2021, p. 51).

Como consequência disso, tópico que abordaremos ao longo deste artigo, está na contribuição dessa conceituação atravessada na narrativa de Silviano Santiago em seu romance memorialístico de 2021. Desse modo, nota-se, que a prática derridiana, além da sua prática na ordem da escritura, também demonstra rastros do projeto à *la francesa*, expandido para todos os hemisférios do mundo, do qual a memória torna-se universal. Na contramão disso, utilizamos a crítica biográfica fronteiriça (Nolasco, 2015) a nosso favor com o objetivo de trazer a emergência de pensar nas memórias que estão no âmbito das marcas de condição fronteiriça, como exposto no trecho do intelectual Edgar Cézar Nolasco:

Tais paisagens *fronterizas* são relevantes em minha discussão porque quero entender que elas, a seu modo, lembram histórias locais e memórias locais subalternas que caíram no esquecimento por conta ou de memórias estatais ou de memórias itinerantes vindas dos grandes centros, ou até devido a importação de teorias e críticas sobre memória que quase sempre, para não dizer sempre, não levou em consideração as especificidades geohistóricas e geopolíticas das memórias subalternas. (Nolasco, 2015, p. 135).

Sendo assim, resulta-nos considerar uma teorização a qual destaca as pluriversalidades das memórias das histórias locais, como optado pelo argentino Walter Mignolo, dos sujeitos encontrados à borda ao levar em conta a localidade e vida, de certo modo, contrárias ao articulado pelas ideologias eurocêntricas. Por conta disso, é importante frisar que ao que abordamos uma assertiva crivada pela *crítica biográfica*

fronteiriça (Nolasco, 2015) como também uma perspectiva *outra*, não temos como intuito ignorar os estudos feitos pelo período da colonialidade/modernidade, haja vista a sua importância fundamental para os estudos atuais. Mas devido a isso, optamos por uma terceira via, sendo essa a descolonial e, por isso, pensamos e falamos a partir dos conceitos citados que contemplam os aspectos do exercício em avançar o que os estudos da modernidade/colonialidade não abordaram. Dessa maneira, dado ao fato de que “[...] As memórias subalternas sofrem de um mal de arquivo radical.[...].” (Nolasco, 2015, p. 137) o romance de Silviano, a exemplo, endossa uma narrativa que foi afetada pela vida e localidade em que a modernidade/colonialidade trabalhou a favor de se apropriar, reproduzindo em uma imposição de uma memória universal.

Nesse cenário, o enredo apresentado por Santiago em *Menino sem passado*, é possível compreender a questão do *biolócus* do autor demarcado constantemente. Ao considerarmos isso, notamos que o mineiro sinaliza desde o início de seu romance o lugar em que o mesmo pensa e teoriza, sendo esse um marco de seu *biolócus* e, da mesma forma, a possibilidade de metaforizar as suas memórias da infância.

Nos anos em que as tropas aliadas combatem as forças nazifascistas no mundo e os indignados cidadãos e cidadãs brasileiros sabotam a ditadura Vargas, moro na casa mandada construir por meu pai - ou pelo vovô Amarante - o número 31 da rua Barão de Pium-i, em Formiga, na região oeste do estado de Minas Gerais. (Santiago, 2021, p. 13).

Porém, ao considerarmos que localidade e vivência são o cerne para as memórias, ao mesmo tempo também é possível observar uma imposição da modernidade/colonialidade. Dessa forma, ao passo que haja um exercício dessas memórias advindas das histórias locais em Formiga o mineiro se apropria de uma memória da qual percebe-se que a mesma está concomitante ao traço de uma memória universalizante, contribuindo por legitimar uma narrativa presente no discurso hegemônico da modernidade/colonialidade. Isso ocorre em *Menino sem passado* no trecho seguinte: “Ando pelas ruas de Formiga e luto nos campos de batalha da Europa.” (Santiago, 2021, p. 54). Assim, citamos o teórico Nolasco com sua contribuição para trazer a tônica da importância da relação do *biolócus* no romance de Silviano:

Trata-se do que passo a denominar de (bios = vida + lócus = lugar) *biolócus*. Por essa conceituação comprehendo, então, a importância de se levar em conta uma reflexão crítica de base fronteiriça tanto o que é da ordem do bios (quer seja do “objeto” em estudo, quanto do sujeito crítico envolvido na ação), quanto da ordem do lócus (o lugar de onde tal reflexão é proposta). (Nolasco, 2015, p. 56).

Logo, abordar uma perspectiva *outra* faz-se possível pela aproximação entre vida e lugar geográfico e intelectual, ou seja, o *biolócus*, como condição *sine qua non* para que ocorra o exercício de uma *des-memória*. Nesse intento, a teoria em questão nos permite internalizar e corporificar uma leitura que vai além da relação entre objeto teórico e pesquisador, fazendo com que ambos sejam parte de um só. Por conta disso, a presente epistemologia está centrada na prática de que “[...] Precisamos desatar o nó aprender a desaprender, e aprender a re-aprender [...]” (Mignolo, 2008, p. 305), cujo equivale a compreender como se articula a memória, à priori para Derrida, para fazermos uma leitura *outra* da qual está centrada nas sensibilidades fronteiriças proveniente pela condição do sujeito situado na borda do mundo ocidental, sendo assim, para chegar à prática de uma *des-memória*. Então, convocamos ao nosso favor, de maneira epistêmica, o autor Walter Mignolo e sua contribuição quanto a uma opção descolonial:

A descolonialidade não consiste em um novo universal que se apresenta como verdadeiro, superando todos os previamente existentes; trata-se antes de outra opção. Apresentando-se como uma opção, o decolonial abre um novo modo de pensar que se desvincula das cronologias construídas pelas novas epistemes ou paradigmas. (Mignolo, 2017, p.12).

Por conseguinte, a importância do pensamento *outro* assentado pela *crítica biográfica fronteiriça*, comprehende a relevância do sujeito à borda e suas sensibilidades grafadas pelas histórias locais. Assim, tem-se que a memória, ao que optamos pela reflexão pela visada descolonial, não deva agir coletiva e universalizante como considerado pela globalização eurocêntrica, visto que a *des-memória* está em movimento contrário ao de endossar uma memória única, por isso partimos para o exposto por Nolasco em: “[...] Os bárbaros herdaram a Memória alheia e não tiveram escolha senão torná-la própria, como forma de alcançar algum degrau no domínio do conhecimento ocidental. [...]” (Nolasco, 2015, p. 75).

Nesse sentido, ainda que Silviano apresente uma leitura pós-colonial, essa abertura teórica nos permite realizar uma leitura que se aproxima das lentes descoloniais, com o fito de produzir uma *des-memória*. Dessa forma, ao fazer uma leitura *outra* do primeiro livro de memórias do mineiro, avançamos o que a colonialidade/modernidade deixou marcado na ordem da escritura e fora de sua perspectiva epistemológica, assim, por meio de uma concepção *outra*, recuperamos os traços indissociáveis do *biolócus* ao longo da narrativa. Com isso, a *des-memória* age de

forma a reaver as memórias inscritas pelas histórias locais, caminhando em sentido contrário ao expresso pelo memorialista na passagem:

O acaso e sua força centrífuga traçam caminho único e intransferível para um e que serve de parâmetro para todos. Todos e cada um sobrevivemos à fatalidade que nos desconstrói sob a forma de figurinhas humanas soltas, independentes e plenas. (Santiago, 2021, p. 22).

Sob essa égide, a nossa opção de cunho descolonial está por levar em conta a abertura pós-colonial presente em Santiago, que se torna capaz de haver uma teorização *a partir do* romance de 2021. Sendo assim, a *des-memória* trata-se de uma forma de se desvincular da universalização de uma memória e, ao esse exercício torna-se efetivo, temos uma perspectiva *outra* que protagoniza a pluriversalidades do *biológico*. Dessa forma, a título de ilustração, citamos o seguinte trecho do romance memorialístico, cujo autor deixa registrado as relações quanto à localidade, vida e sujeito:

Tato, olfato e sabor da criança provinciana nunca são surpreendidos pela primeira viagem à Europa. Só são avivados, reavivados. Só no escurinho dos Estudos de Saint-Germain-des-Prés é que ganham novo e diferente alimento cinematográfico. (Santiago, 2021, p. 74).

Logo, na medida que praticamos uma *des-memória*, há o afastamento da universalização de uma memória única da narrativa criada pelo projeto colonial europeu e, por consequência, caímos em uma opção *outra*. Parte da motivação para isso está relacionado com as disparidades entre os sujeitos que pensam e falam dos centros hegemônicos e, por outro lado, aqueles que estão em condição geoistórica situada à fronteira, sendo o alheio, ou um paradigma *outro*, assim, há como resultante uma espécie de muro epistemológico. Então, aquele em condição de colonizador, localizados em regiões centrais de produção e geográfica, de modo inconsciente, acaba por criar uma classificação para individualizar quem fala dos centros e quem fala das margens, sendo o *outro* que se encontra fora do sistema colonial, utilizamos como ilustração a assertiva do intelectual Mignolo em que ele explica:

O paradigma *outro* emerge da diversidade das histórias locais, no conflito entre línguas, saberes e sentidos. Ou seja, o paradigma *outro* advém dos lugares ao qual o potencial epistêmico foi negado e anexado aos saberes do paradigma moderno sob rubrica de cultura local/regional. (Mignolo, 2003, p. 22, tradução livre).

Nesse contexto, distanciamo-nos de uma epistemologia canonizada pelos centros hegemônicos do pensamento colonial e partimos a favor de uma perspectiva

outra. Dessa maneira, resgatamos as memórias que anteriormente foram excluídas em detrimento do soterramento de histórias locais e, por consequência, do *biolócus*. Sendo assim, a importância de uma *des-memória* está articulada no âmbito político e, primordialmente, a partir de sensibilidades advindas das localidades, haja vista que como na assertiva de Santiago “Não se recebe herança cultural por testamento da História, mas ela é ganha de cambulhada com mil outras experiências” (Santiago, 2021, p. 52), o que contribui para que a *des-memória* seja aquela que resista aos pagamentos da colonialidade/modernidade, como é exposto no trecho de Nolasco que vai em contraposição da passagem escrita por Santiago a seguir:

Tais paisagens *fronterizas* são relevantes em minha discussão porque quero entender que elas, a seu modo, lembram histórias locais e memórias locais subalternas que caíram no esquecimento por conta ou de memórias estatais ou de memórias itinerantes vindas dos grandes centros, ou até devido a importação de teorias e críticas sobre memória que quase sempre, para não dizer sempre, não levou em consideração as especificidades geoistóricas e geopolíticas das memórias subalternas. (Nolasco, 2015, p.135).

Não é por inadvertência que o menino de Formiga se reconhece retrospectivamente na figura do poeta Carlos Drummond. [...] Mal adivinha Carlos Drummond que a escrita poética sua - de menino leitor de história em quadrinhos na cidade de Itabira - se escreve na futura escrita literária do menino Silviano noutra cidade mineira. (Santiago, 2021, p. 55).

Nesse viés, o esquecimento das sensibilidades de vidas, lugares e memórias, como é ilustrado pela vivência de Silviano, é um exemplo da prática de um paradigma *outro*. Estabelecemos essa relação na exposição feita pelo mineiro na passagem “Ao se reconhecer por se conhecer Outro, você, nós dois ganhamos assento no jogo de damas conhecido como o de perde-ganha.” (Santiago, 2021, p.55), como também em sua relação de transpor sua memória pela óptica do autor moderno Drummond. Dessa maneira, as relações entre quem está em situação à margem é uma condição que traz à baila o que a assertiva do intelectual Pedro Medeiros no trecho: o nosso trato em reconhecer que “[...] não há como falar do outro sem passarmos por nós mesmos [...]” (Medeiros, 2023, p. 102) representa a maneira que a cristalização de uma hierarquia da modernidade/colonialidade perante o conhecimento epistêmico que ao mesmo tempo expõe a centralização e imposições das memórias vindas dos centros hegemônicos.

Por esse intento, temos a compreensão de uma *des-memória* como forma de estabelecer um contraponto ao de se manter de forma submissa e soterrar as memórias das histórias locais, como argumentado pelo projeto da colonialidade/modernidade. Assim, valemo-nos do conceito de *des-memória* como uma reflexão permeada pelos conceitos descoloniais descortinados por Mignolo como: desobediência epistêmica e desprendimentos (2008) e opção descolonial (2017), para fundamentar a argumentação quanto às normativas tidas como universais criadas e impostas pela modernidade ocidental, quanto a isso citamos o autor Silviano, com o propósito de reavivar as memórias fronteiriças das quais ainda resistem ao nosso favor pelo *biológico*:

Não se recebe herança cultural por testamento da História, mas ela é ganha de cambulhada com mil outras experiências. É ganha pelo hábito da convivência cultural (imposta ou não) com uma descendência inesperada e singular de heróis contemporâneos. (Santiago, 2021, p. 53).

Para tanto, ao abordarmos a perspectiva da *des-memória*, temos que ela está relacionada ao atravessamento e invocação sobressalente do *biológico*, sendo essa assegurada conceitualmente pela crítica biográfica fronteiriça. Sendo assim, por meio de uma teorização *outra*, a *des-memória* surge como uma alternativa que está envolta de um afastamento das concepções da modernidade/colonialidade, para que se tenha uma aproximação das relações da vida e localidade. Dessa maneira, vamos em contramão da assertiva de Santiago quando o autor identifica que suas experiências estrangeiras, logo suas memórias europeias, estão a favor do soterramento de suas histórias locais provenientes de memórias fronteiriças:

O menino leitor se identifica a tal ponto com a aventura alheia que a espicha como pele sobre o corpo - já predisposto a novas moldagens como o Homem-Borracha dos gibis dos anos 1940 - e a sobrepõe ao coração à mente, alimentando de vida substantiva a própria imaginação. (Santiago, 2021, p. 56).

Por outro lado, a memória, de maneira geral, pode ser compreendida como aquelas disseminadas pelos centros, para cooptar sua credibilidade quanto memórias erigidas de histórias regionais europeias. Diante disso, ao notar que “[...] a memória colonial se trata de apagar qualquer traço, qualquer símbolo, que teimam em resistir ao tempo [...]” (Nolasco, 2013, p. ), tem-se a necessidade, por outro lado, de fomentar a *des-memória* “[...] enquanto narrativas também válidas e necessárias [...]” (Medeiros, 2023, p. 91 ) para que, assim, as memórias inscritas em regiões fronteiriças estejam distante do exposto por Santiago em “Sou mero comparsa - silencioso e distante - na

narrativa da História universal que transcorre e é escrita no hemisfério Norte. (Santiago, 2021, p. 59). Em continuidade, a *des-memória*, ao lado das histórias locais, e igualmente das memórias latino-brasileiras, são aquelas que uma vez sofreram de um ofuscamento ocidental euro-norte-americana e heterossexista-patriarcal, como é citado pelo mineiro anteriormente e, para complementar a afirmação, citamos o intelectual Nolasco em:

Ao agirem assim, essas memórias vindas dos centros hospedaram-se em casa alheia, fazendo dela sua casa, e, ao ignorarem as histórias (memórias) das memórias anfitriãs, acabaram tão somente por reforçar sua própria memória totalizante e sumariamente excludente. (Nolasco, 2022, p 81).

Ao pensarmos em uma *des-memória* temos a prática de que aprendemos a “[...] desaprender a vida de Silviano na tentativa de re-aprender [...]” (Medeiros, 2023, p. 97) a nossa própria vida ao realizarmos esse exercício em conjunto de uma leitura *outra*. Logo, na esteira em uma perspectiva *outra*, nota-se que Santiago evoca as memórias que estão, por excelência, gravadas em seu próprio *biolócus*, de suas histórias locais, cujas anteriormente foram resultantes da relação de marginalizações de cunho sociocultural. Nesse âmbito, no romance memorialista, acerca de uma visada *outra*, nota-se a presença de uma memória da qual passou a ser ignorada e excluída pela condição de fronteira estabelecida pelo projeto hegemônico dos centros dos pensamentos localizados na Europa. Então, essas memórias à margem são engolidas pela narrativa regional da tradição europeia, o que à deriva o memorialista com uma lembrança de guerra atravessada com um falso pertencimento regional de cunho europeu, por exemplo, ao que ele afirma “Ando pelas ruas de Formiga e luto nos campos de batalha da Europa.” (SANTIAGO, 2021, p. 54). Nesse excerto, temos a exemplificação das teorias de Mignolo, no sentido de soterrar as memórias que submergem do *biolócus*, em detrimento de uma memória universalizante.

Por esse motivo, a *des-memória* submerge como parte do desejo em realizar a convocação do corpo e das sensibilidades do sujeito à fronteira. Assim, subvertemos a lógica da modernidade/colonialidade do *cogito, ergo sum* para ressaltar a citação do intelectual Franz Fanon quando ele invoca “Ó meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona” (Fanon, 2008, p. 191). Dessa forma, temos a opção de tratar o atravessamento do *bios* e do *lócus* diante de uma leitura *outra* da obra de Santiago, sendo essa a articulação da prática de uma *des-memória*. *Pari passu* a esse exercício avançamos para uma memória *outra* em relação às memórias das margens e “[...]

endossamos uma política de sensibilidades descolonizadoras [...]” (Mignolo, 2008) em que enaltece as pluriversalidades presentes no *biolócus* da América Latina.

Logo, com o fito de concluir o exposto até o momento acerca do conceito de *des-memória*, temos que ele está em torno de uma leitura *outra* das memórias de *Menino sem passado: 1938-1946*. Dessa maneira, com o intuito de resgatar e de “[...] re-aprender a minha própria vida [...]” (Medeiros, 2023, p. 97), a concepção de uma *des-memória* está amparada pelo crivo da crítica biográfica fronteiriça ao que retoma as sensibilidades erigidas do *biolócus* de sujeitos em regiões consideradas à margem do pensamento hegemônico, ou seja, das memórias vindas de maneira geoistóricas.

Nessa perspectiva, ao passo que Santiago tem, na ordem da escritura, uma produção em que sua memória trabalhe de forma que esteja “[...] como um vâo que se abre, por sua vez, entre o passado e o futuro (Santiago, 2023, p. 124), essa projeção, optada por nós, está para uma *re-leitura* de cunho descolonial por exercitar o aprender a desaprender para re-aprender de Walter Mignolo, evocado constantemente nesse artigo.

Portanto, ao levarmos esses fatores em consideração, delineamos uma teorização a partir de *Menino sem passado* em que comprehende a memória em Jacques Derrida e, uma vez entendida, articulamos uma leitura *outra*, para assim, desembocar nas *des-memórias*, sendo aquelas que uma vez passaram pelo soterramento do projeto da colonialidade/modernidade, mas que, por ora, estão voltadas para a emergência internalizadas pelo *biolócus*.

## Referências

AMARAL, Adriana Cörner Lopes do. Sobre a memória em Jacques Derrida. In: GLENADEL, Paula; NASCIMENTO, Evando (org.). **Em torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000, p. 31-43.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul: Pensamento Social e Político em/desde/para América Latina, Caribe, África e Ásia**, v. 1, n. 1. 2017, p. 12.32. Disponível em:  
<https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645> Acesso em: 01 de dez. 2023.

MEDEIROS, Pedro. **Escrevivências em Silviano Santiago**: exercícios de crítica biográfica fronteiriça. Curitiba: CRV. 2023.

NOLASCO, Edgar Cézar. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia).

**CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS**: Brasil/Paraguai/Bolívia. v. 7, n.14. Campo Grande: Editora UFMS, 2015, p. 47-63.

NOLASCO, Edgar Cézar. **Perto do coração selvaje da crítica fronteriza**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar Cézar. Memórias subalternas latinas: ensaio biográfico.

**CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS**: Memória cultural. Campo Grande: Editora UFMS, 2013, P. 53-72.

NOLASCO, Edgar Cézar. Habitar a exterioridade da fronteira-sul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/inde/php/cadec/article/view/7725>. Acesso em: 11 mar. 2024.

SANTIAGO, Silviano. **Menino sem passado**: 1936-1948. São Paulo: Companhia das Letras. 2021.